

LIVROS para quê?

Marlene Montezi Blois *

"Falar não salva o homem.
— Estás na outra
palavra do outro
perto e solto.

Falar não abre a porta
não abre a cela
não salva o foco
de tuas chagas.

Falar só salva, salvo
se o outro
do outro lado
fale por tua boca:
— a fala pouca
que te dissolve
a arma pura
desta amargura
que não resolve."¹

(1) CHAMIE, Mário. *Sábado na hora da escuta*. S. Paulo. Sumus, 1978.

* Diretora da Divisão de Produção de Programas, do Centro de Tecnologias Educacionais da SEEC/RJ; autora de obras didáticas para professores e alunos.

Uma revolução sem passeata

Um grito, um tambor, a fumaça branca subindo aos céus . . . Centenas de anos — quantas? — se passam e o homem começa a registrar idéias, acontecimentos do dia-a-dia, a vida de seus deuses e reis. E o tempo continua se arrastando, minorias tendo acesso a papiros e pergaminhos caprichosamente desenhados com dourado a dar mais valor. E a ampuleta continua a deixar passar, lentamente, os grãos de areia do tempo . . .

Um dia . . . de repente . . . Gutemberg. Uma revolução tão importante que não foi preciso desfraldar bandeiras, fazer passeatas para dizer o quanto o era. Idéias de uns chegam a muitos, e mais: perpetuam-se. A areia parece que agora começa a passar um pouco mais depressa pelo funil da ampuleta. E novos meios de comunicação surgem, modificando posturas solidificadas, principalmente as que dizem respeito à Escola e a resultados de aprendizagens sob sua responsabilidade. A comunicação, na forma que se apresenta, desempenha funções básicas em termos individuais. É através dela que, de certa forma, se dá uma padronização do mundo em que vive o indivíduo, orientando-o quanto a relações sociais e adaptação ao próprio meio.

As comunicações, elemento dinâmico, vivo, nas sociedades modernas, aceleram-se cada vez mais. Resultados positivos podem ser apontados como consequência desta nova era — e ela mesma já o é da própria rapidez com que se dá a comunicação — como intercâmbio nos campos cultural, industrial, comercial e entre pessoas, com destaque ao diálogo maior entre diferentes grupos sociais. Problemas e indivíduos são colocados cara-a-cara, exigindo opiniões, posicionamentos, engajando cada pessoa na busca de soluções que antes se arrastavam molemente pelo tempo.

Gutemberg e sua invenção onde ficam neste mundo de corridas, onde a *media* invade lares, acompanha catástrofes, vira escola? Continuam, cremos, a manter o *status* de antes.

O livro, que tem como função primeira comunicar idéias e realidades, valendo-se, basicamente, da palavra escrita, vai vencendo os anos, como um animal que, por mutações sucessivas, mas sem se descaracterizar, chega aos nossos dias, passando incólume pela máquina do tempo. É, sem dúvida, um meio de comunicação que transmite conhecimentos e leva entretenimento, cumprindo seu destino, eficientemente, seja em termos individuais, seja sob um prisma de significação e conscientização social. Sua força — tanto formativa quanto informativa — se faz sentir, na valorização maior da palavra escrita.

O "falar" em tinta preta

A palavra, que solta no ar se perde, veste-se de nobreza — e há toda uma tradição a vencer os anos e a chegar até nós — ao ser registrada no papel. E parece ser este valor intrínseco da própria palavra escrita que prevalece sobre qualquer outro que se venha levantar. São as elites que têm acesso aos livros. A literatura — expressão maior de uma língua — é a arte que se utiliza das palavras vestidas de tinta negra. E não há dúvida que o artista que as manipula estabelece, com o público, uma relação meio *mítica* — é o que sabe escrever de uma forma que só pouquíssimos sabem. E mais: as suas idéias podem chegar a outros, podem permanecer vivas, indo além da própria existência do seu criador. E parece ser esta dimensão de imortalidade que confere à palavra escrita um respeito, um en-deusamento que encanta e ao mesmo tempo amedronta.

Mesmo tendo que se admitir que o livro não guarda, nos nossos dias, a hegemonia da cultura e da informação, uma verdade permanece: ele dividiu com outros meios tal privilégio, mas não perdeu aquela posição de destaque, pois a nossa civilização ainda permanece com vínculos muito fortes com o código escrito.

*"Falar só salva, salvo
se o outro
do outro lado
fale por tua boca".*

E este falar "por tua boca" á a expressão plena da comunicação se processando, se internalizando. E este "falar", se grafado, pode ir longe, pode, mais ainda, permanecer em cada leitor. Assim o compromisso cultural de uma geração com outra se resolve, em grande parte, pelo que deixado escrito, memória de uma época, de sua gente, de suas conquistas, de seu progresso. Um arquivo a ser acionado pelas gerações seguintes, base do que virá a acontecer, visão pretérita do que foi.

É bom lembrar que, diminuídos os índices de analfabetismo no mundo, mais pessoas passam a dilatar o grupo minoritário da então "elite letrada". A tinta preta das palavras na folha começa a se tornar mais clara para muitos que viviam, até então, de olhos vendados. As palavras, prisioneiras do texto, libertam-se ao estabelecer um vínculo de entendimento entre leitor/autor, nas ligações que propiciam com experiências evocadas, na amplitude do universo que oferecem.

O "consumo em massa de cultura", creio, começa a ser prática do nosso povo. E tal fato pode ser confirmado pela aquisição cada vez maior, não só dos tradicionais veículos que têm a palavra impressa como base — livros, jornais e revistas — como, também, dos

veículos eletrônicos que associam a palavra oral a outros códigos, como o rádio e a televisão.

A crença que ainda se espalha por aí de que o livro é objeto supérfluo por certo está bem mais próxima do fim ...

A massa ... diversificada

Um poço sem fundo parece ser o acervo informativo e de conhecimentos desta nossa época. Não que se considere que, em algum tempo da evolução do homem, tenha havido uma estagnação. Mas é que a atual explosão da informação tem um tal ritmo, uma tal abrangência de campos do conhecimento humano, uma rapidez incrível em sua divulgação (e conseqüente reelaboração e recriação) que vem forçando uma reconsideração da posição do livro. Seu uso se expande, vira um bem de consumo, mesmo que guardadas proporções diversas para os diferentes tipos de leitura que proporcione.

O fato está nos quadros estatísticos: crescem as tiragens tanto de obras literárias (e não vale questionar suas qualidades), quanto de obras com fins didáticos.

Os chamados livros de-bolso — agora não só romances e novelas de consumo popular imediato, de leitura puramente linear, mas também obras imortais, como *Os Luziadas*, a *Filosofia de Platão e Sócrates*, o *Teatro Universal*, José de Alencar, para citar apenas algumas — são exemplo vivo desta realidade. Baixa-se o preço de venda pela minimização dos custos de produção. E o livro segue por aí, nas mãos de muitos, soltando as palavras engaioladas em suas páginas.

É preciso, no entanto, atentar para que, neste processo de massificação do livro, ele possa continuar a ser um instrumento valioso, no que tange à *diversificação*, que faz crescer o indivíduo, seja culturalmente, seja como um ser que apresenta características singulares. É como bem diz Cecília Meireles:

*"O vento é o mesmo:
mas sua resposta é diferente em cada folha." (2)*

Saldo positivo para o livro

As vantagens creditadas ao livro, no processo de desenvolvimento mental do homem, não têm sido alvo de polêmicas, ao que me parece. Assim, quando se afirma que a realidade lingüística, pela aquisição de um vocabulário mais amplo e de conhecimentos gramaticais e sintáticos, tende a se processar com mais dinamismo nos leitores; que o livro, vencendo espaço e tempo, proporciona conhecimentos de culturas de grupos diversos, o que dá ao homem uma dimensão maior da realidade física e social; que torna o leitor receptivo e ao mesmo tempo curioso, quanto às invenções no campo da ciência e aos avanços tecnológicos da humanidade, chegando a despertar vocações para a investigação e pesquisa; que o exercício

(2) MEIRELLES, Cecília. *Poesias Completas* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Brasília/MEC, 1973.

da leitura leva a maior reflexão e, conseqüentemente, à crítica como postura de alto nível intelectual, está-se enumerando, sem se esgotar, alguma das principais vantagens do livro neste fabuloso processo que é o do conhecimento humano.

"O que há de maravilhoso no contato dos livros, ou pelo menos de bons livros, é que eles nos levam a prosseguir sempre, sentindo, confrontando, analisando e recompondo o mundo da cultura" (Lourenço Filho) O que mais há a dizer?

O livro didático

Que o livro está em todas as salas de aula, seja fisicamente presente, seja através do conhecimento transmitido pela professora, mas assimilado a partir dele, não há dúvida. Se fizermos um retrospecto — até saudosista! — dos nossos tempos de escola, vamos encontrar o livro como companheiro fiel de bancos escolares, desde a complexa aprendizagem de ler-e-escrever, até os cursos de pós-graduação, com bibliografia vasta e em diversas línguas.

Das suas vantagens e da sua presença não temos dúvida. Mas, e a sua utilização, a sua escolha, como se dão, guardada aqui a nossa preocupação em não ter o livro como mais um recurso didático divorciado, muitas vezes, de objetivos fixados, corpo estranho no processo ensino-aprendizagem e no da própria Comunicação?

Se já se busca uma verdadeira abordagem científica do fenômeno da Educação, enfatizando-se aspectos materiais, como querem alguns, ou com atenção maior para o processo ensino-aprendizagem, como preconizam outros, o certo é que o livro, em ambos os casos, insere-se, não como acessório supérfluo, mas como elemento básico na formação integral do educando.

Não se pode negar, no entanto, a existência de uma corrente de educadores que crê ser o uso do livro dispensável e até prejudicial sob certos aspectos, independente de série escolar e estágio de desenvolvimento do aluno (e talvez tal posição deite suas raízes em idéias de Dewey e dos que preconizam a chamada "aprendizagem por descobertas"). Mas, a par de tal grupo minoritário, tem-se um outro mais numeroso que parece se pautar nas afirmativas de Crombach (3) quando diz ao afirmar que uma pessoa se torna mais capaz de resolver seus problemas, na medida em que adquire, por meio de livros, mais conhecimentos: *"Uma avaliação cuidadosa do valor do conhecimento na aprendizagem criadora deve conduzir o educador ao aumento, e não à diminuição, da confiança depositada no livro — texto, como meio de instrução."*

(3) CROMBACH, L. J e outros, *Text materials in modern education*. Urbana, University of Illinois Press, 1955.

Este grupo, ainda, deixa, basicamente, ao livro a missão de informar e transmitir conhecimentos, guardando para si tarefas como: a dinamização dos trabalhos escolares, a formação dos que estão sob sua responsabilidade docente, a sugestão de outros meios que possam ou suprir deficiências do livro adotado ou ir de encontro a interesses específicos do aluno, num ir-além do texto. Buscam, assim, a partir de um ponto comum — o livro adotado — atingir a uma diversificação que, ao atender às diferenças individuais, torne o ensino, pelo menos neste ponto, mais democrático.

A filosofia implícita na escolha

Se a atual situação em termos educacionais caminha, cada vez mais, para um sistema de planificação do Ensino, como conseqüência, de certa forma, dos problemas da comunicação de massa e da explosão de informações, não se pode negar que este novo posicionamento, ao descaracterizar o ensino como um produto artesanal, deu-lhe tratamento mais científico, com preocupações crescentes. A escola vira empresa; o fator produtividade é altamente relevante ao serem planejados cursos; o material didático entra na mesma linha de considerações econômicas. O livro não vai fugir a tal contexto. As vantagens administrativas de sua utilização são pesadas, da mesma forma que o são o seu valor como recurso informativo, cultural e até financeiro.

É claro que nenhum professor, se pode indicar uma obra, escolherá aquela que não atenda a seus próprios valores. A escola, por sua vez, procede da mesma forma: estabelece, a partir da política educacional vigente, padrões mentais e comportamentais, que espera sejam atingidos pelo grupo sob sua responsabilidade, e . . . busca alcançá-los, em parte, pelo uso que os alunos farão dos livros que selecionou.

Nesta educação formal, de certa forma padronizada, o livro — e seus autores — passam a ter uma responsabilidade enorme para com o público de destino. Responsabilidade com a fidedignidade da informação emitida, com a seleção dos conhecimentos, pertinen-

TREINAMENTO COM VIDEO - CASSETE

- Planejamento e implantação de sistemas de formação e treinamento.
- Consultoria de recursos humanos.
- Produção de programas em video-cassete para aperfeiçoamento de pessoal.
- Projetos especiais para empresas com grande rotatividade de pessoal.
- Acompanhamento de obras em VT.



MULTIVIDEO
Rua Marquês de Pinedo, 85
Lapa - Rio - 205-7648
205-7246 - 205-7148

tes à realidade vivenciada pelo leitor e ao seu nível cultural; responsabilidade com as mensagens "subliminares" que, às vezes, resvalam pelas linhas escritas, mas que, em hora nenhuma, devem ser cerceadoras ou doutrinárias. O livro didático deve levar a aberturas de pensamento, propiciando uma postura crítica diante de fatos e idéias emitidas, porque esta deve ser a posição da escola dos dias de hoje, pelo menos das que buscam transmitir a seus alunos princípios reais de democracia e de liberdade. É preciso propiciar oportunidades de praticá-las para que possam vir a acontecer.

O livro inserido no contexto

E porque deve ser parte da realidade espaço-temporal em que se insere, o livro didático precisa trazer para si e em si esta mesma realidade, seja sob forma de informações, seja espelhando e sendo produto das conquistas tecnológicas do qual é contemporâneo.

Assim, de acordo com a sua natureza e fim, o livro enche-se de fotos, completadas ou suplementadas pelo texto; colore-se; busca os recursos dinâmicos da *história em quadrinhos* e do *cartum*, utilizando-se de linguagens não mais apenas verbal, ensinando, assim, oportunidades de contato entre elas e o aluno-leitor; mapas e gráficos mostram a realidade visualmente.

Os livros didáticos de há vinte anos e os de hoje — quanta diferença! Diferença quanto a aspectos editoriais, seja diagramação, paginação, produção gráfica e seus imensos recursos. Diferença na abordagem didática dos assuntos tratados, na maneira de fazer chegar ao aluno determinados conteúdos. E comparar, mesmo que o ponto referencial esteja meio apagado na memória, os livros dos nossos cursos primário/ginásial e os do 1º grau de agora — que diferença!

Cartilha -- o marco da caminhada

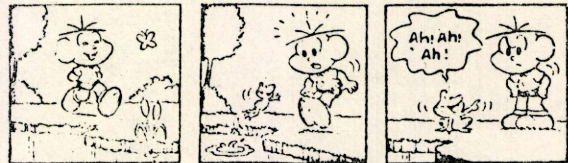
As *cartilhas* ou *livros de ensinar as primeiras letras* sofreram transformações substanciais nos dois aspectos que acabamos de focar. Há, no entanto, uma preocupação, antes de tudo, *afetiva*: que o primeiro livro de estudo da criança seja agradável, bonito, alegre! E esta impressão primeira é fundamental para que se estabeleça um elo positivo na aprendizagem mais do que complexa da leitura e da escrita. É hora de introduzir a criança no mundo altamente abstrato do código escrito, de instrumentizá-la para viver melhor e se tornar plenamente participante do grupo social de que faz parte. A cartilha é, portanto, recurso fundamental para aquisições no campo cognitivo, tendo a impulsioná-las fatores de natureza afetiva.

Os *livros de ensinar as primeiras letras* são peças-chave no processo ensino-aprendizagem. Exigem técnica específica que envolve conhecimentos de lingüística, fonética e fonologia, ortografia, morfo-sintaxe, além de embasamento de psicologia evolutiva da criança,

teorias da aprendizagem e conseqüente posicionamento didático. É preciso, ainda, que o seu autor conheça a realidade social e a filosofia que norteia a política de educação do sistema vigente, sem o que a cartilha, não atendendo a um e a outro, estará fadada a perder-se no tempo e no espaço, sem retorno efetivo.

Há que se considerar ainda que, em países emergentes, como o Brasil, o tempo é fator preponderante no alcance do desenvolvimento, pois é preciso queimar etapas, sem perda de qualidade, na tentativa de reduzir a diferença existente, em termos de educação, entre nós e as nações desenvolvidas. Sendo a alfabetização o marco inicial da caminhada, entendo que os bons livros que a ela se destinam devam ter apoio e estímulo governamentais bastante agressivos, sem o que os demais investimentos tenderão a capengar por falta de atendimento ao vazio que permanece na base.

2.O susto do Cebolinha



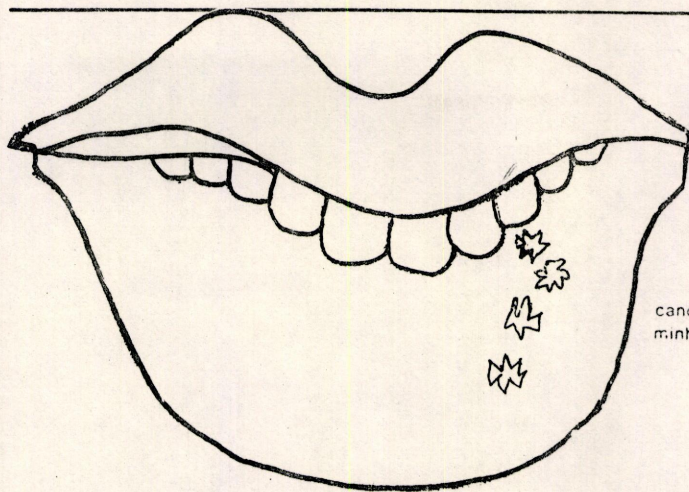
● Leia a historinha:

Cebolinha está na lagoa.
O sapo pula no pé do menino.
O menino está com medo.
Ele está de cabelo em pé!
Cebolinha escuta o sapo:
— Ah! Ah! Ah!

Cartilha — o início da caminhada⁽⁴⁾

Livro atraente para o 1º e 2º Graus

Mas as transformações apontadas não ficaram restritas aos livros dedicados aos primeiros passos da aprendizagem da leitura/escrita. Independente de área de estudo ou de disciplina, os livros para o 1º e 2º graus são, em geral, também atraentes, ricos em ilustrações, apresentando linguagem algumas vezes quase coloquial, o que contribui para diminuir a distância entre leitor/autor, pela melhor compreensão da mensagem.

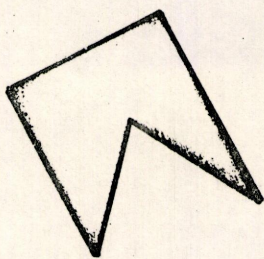


IRENE

Caetano Veloso
(LP Philips, R 765.086 L, lado 1, 1.ª faixa)

Eu quero ir, minha gente.
Eu não sou daqui.
Eu não tenho nada,
Quero ver Irene rir.
Quero ver Irene dar sua risada.

Irene ri, Irene ri,
Irene ...
Irene ri, Irene ri,
Irene ...
Quero ver Irene dar sua risada.



Texto e ilustração não-convencionais no livro didático de Comunicação e Expressão (5)

Valendo-se de recursos gráficos os mais variados, os responsáveis pela produção editorial do livro não só buscam a valorização da obra, como também contribuem, de forma indireta, para o desenvolvimento do senso estético do aluno.



Na estação, a sineta anunciou que um trem partira da localidade mais próxima.



Belinha agradeceu secamente, o chapéu coko descobriu um cabelo grisalho, cumprimentando, afastando-se.

(4) BLOIS, Marlene e LEOBONS, Solange. *Cartilha da Mônica*. S. Paulo, Abril, 1977, Ilustrações: Maurício de Sousa.

(5) RODRIGUES, A. N. e PAULA, A. Z. *Tempo de Comunicação*, 6a. série. S. Paulo, Abril, 1973.

(6) CHEDIK, A. J. e MACEDO, W. E. *Hora de aprender*, 5a. série. Rio, Bloch, 1974.

(7) Livro do Professor da Cartilha da Mônica. Obra já citada em (4).



Entrei no arraiá! com descargas ruidosas do motor, provocando a atenção das pessoas que banzavam às portas cu se encaminhavam para a plataforma.

Paginação atraente, ilustrações de bom nível nos livros de hoje (6)

Guias para o professor – um capítulo a parte

E para que possa ser melhor “compreendido” e usado pelo professor, o livro-texto para o aluno faz-se acompanhar de *manuals* ou *guias* que, algumas vezes, além de transmitir conhecimentos específicos sobre determinados assuntos, se apresentam como um *curso informal de didática*, tal a riqueza de diretrizes e sugestões de procedimentos pedagógicos que emitem.

Um guia, no entanto, não deve, em hora nenhuma, aprisionar a ação docente a passos pré-fixados para a utilização do livro-texto. Tanto mais útil será, quanto, a partir de caminhos sugeridos, deixar a criatividade do professor dar vãos altos, adequando as atividades apresentadas ao grupo de alunos com que trabalha e a sua própria personalidade.

O QUE INDICAM OS BALÕES NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Embora sendo fator de peso nas HQ, a palavra permanece quase que exclusivamente presa nos *balões*.

O balão é marca das HQ, indicando o diálogo que se desenvolve entre as personagens, isto é, o discurso direto da narrativa maior. Mas a ele não é dada apenas esta função, pois não podemos esquecer que sua forma e posição no quadrinho visam à comunicação visual que deve se estabelecer com o leitor.

A forma dos balões é convencional, sendo respeitada pelos desenhistas, o que não impede a criação de formas facilmente decifráveis. Os balões básicos são:

- o balão que reproduz a conversa entre as personagens:



- o balão que traz ao leitor o que a personagem pensa ou sonha:



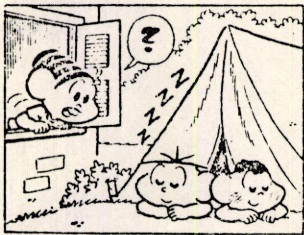
Às vezes um só balão reproduz a fala única dita ao mesmo tempo por diferentes personagens:



O balão pode exprimir, ainda, sentimentos e reações de forma concreta. Alegria, medo, a explosão de um sentimento contido são facilmente "visualizados" pelo leitor, reforçando informações:



Os balões, muitas vezes, trazem apenas pontos de interrogação, de exclamação, letras que indicam estados emocionais da personagem. Podem também se revestir de valor onomatopaico, como é o caso da representação gráfica do sono, da gargalhada etc:



Os guias, em geral, especificam objetivos e indicam bibliografias, que permitem ao professor aprofundar-se em assuntos abordados, dando-lhe mais segurança e embasamento. É que a comunicação a ser estabelecida a partir da leitura do livro, seja ele de que natureza for, não deve sofrer quebra ou permanecer aí estagnada. Deve abrir portas e novas idéias, a outras iniciati-

Livro do Professor — aprender para melhor ensinar (7)

vas, à criatividade. E é esta comunicação que se estabelece a partir da linguagem escrita — com todo o seu rigor e convencionalismo, guardando tradições e sendo ela própria guardiã, de certa forma, do legado lingüístico de um povo que vai impulsionar a pesquisa, levando o leitor para além das idéias, fatos e emoções, que chegam até ele corporificados pelo código escrito. Os guias ou manuais, vistos por este ângulo, vão contribuir, certamente, para o crescimento profissional e cultural do professor.

Se há toda uma sistemática de planejamento, desde a elaboração até a produção do livro-didático em função de objetivos educacionais claramente definidos, com base em pesquisas, principalmente sobre aprendizagem, comunicação e mercado, buscando uma instrução mais efetiva; se o professor, através do guia, tem acesso à filosofia que norteou a obra e à parte pedagógica deste mesmo planejamento, podendo aplicá-la e adequá-la às metas de seu próprio trabalho, não estará o livro didático totalmente em acordo com um abordagem científica do fenômeno da Educação?

A memória da cultura

Há ainda um ponto que vale a pena tocar: o de que cada indivíduo não tem condições de possuir todos os livros necessários à sua formação, interesse e entretenimento. Partindo-se desta afirmativa, há que se considerar a importância das bibliotecas na formação maior do indivíduo e na sua auto-educação.

No Boletim do SNEL (Comunicação, Rio, ano 7 (27), 1978) tal problemática é enfocada, quando se lê:

"Admite-se que as crianças devem ter livros-textos, mas é preciso ser muito paciente e persuasivo para demonstrar que as bibliotecas públicas e escolares e os livros de leituras complementares são indispensáveis, se o país quer encorajar a menos onerosa das formas de Educação — a auto-educação. Do mesmo modo, ainda que os políticos se declarem favoráveis às campanhas de alfabetização em seus discursos, poucos dentre eles parecem compreender que os neo-alfabetizados esquecerão rapidamente tudo aquilo que aprenderam, se não puderem contar com material de leitura. E os sistemas de ensino não convencional (noção cara aos políticos) são inúteis se não fornecermos o material educacional necessário a esse tipo de ensino especializado e pouco dispendioso".

As bibliotecas são focos democráticos de difusão de cultura, indispensáveis em qualquer estrutura que pretenda fazê-la chegar a muitos. Livros, idéias, autores se tornam conhecidos, divulgados, próximos do grupo de leitores interessados. Todos têm iguais oportunidades, limitadas, apenas, pelas condições pessoais de cada um (nível de desenvolvimento de leitura, bagagem de experiências, interesses próprios). Falta, apenas, ampliar seus horários de atendimento ao público, divulgar seu acervo e dinamizar suas atividades, principalmente, junto ao escolar, formando neles o hábito de procurá-las, informando-o de "onde-achar-o-quê".

As bibliotecas são, sem dúvida, a *memória da cultura sem fronteiras*. E aí está um ponto a pensar sem paixões bairristas, posição cosmopolita por excelência. É o legado de gerações e de diferentes povos aberto ao homem do aqui-e-do-agora. E este fato, por si só, leva a uma reflexão maior: o respeito que nos merece, a perplexidade do acervo, a capacidade inesgotável do homem e . . . o poder da palavra escrita, sem a qual tanta coisa se teria esfumado no tempo.

É preciso que a Escola leve o educando a pensar sobre tais fatos, para que possa saber usufruir de um recurso que está a seu alcance — a biblioteca, seja a escolar, seja a de alcance público — extensão de sua ação junto ao aluno.

O livro no amanhã

O hoje, em termos de livro didático, estamos vendo e vivendo. Mas qual o futuro que o aguarda? Como sobreviverá à era cibernética, à profusão de meios de comunicação, dos nossos tempos? Qual será o leitor de amanhã, ele que é produto de uma geração que *vive* a comunicação oral?

Os futurólogos, que garantiram a queda do livro com o surgimento da televisão e sua rápida popularidade, parece que se enganaram em suas previsões. O livro continua em franca expansão, com grandes tiragens, como já vimos. Se alguns formatos novos surgiram, as inovações vieram por conta de teorias da aprendizagem formuladas, dando origem, por exemplo, a obras sob a forma de *instrução programada*.

O que se vê é o enriquecimento do livro ao se utilizar de outros materiais para fins didáticos, ampliando suas possibilidades de comunicação e de informação. Slides, fitas cassetes, discos, parecem ser os mais frequentemente usados neste esquema.

Numa posição inversa, o livro — em geral sob a forma de fascículos seriados ou de módulos — serve de apoio a programas instrutivos via rádio, TV e vídeo-cassete,

garantindo a consulta após a emissão da aula, deixando com o aluno recursos próprios aos materiais impressos.

É provável, também, que, mais adiante, máquinas diversas se utilizem da palavra grafada para fins educativos, como já o fazem as já nossas conhecidas "*máquinas de ensinar*" (Skinner), seja na formulação de situações-problema, seja na avaliação da aprendizagem, de forma previamente programada. Em ambos os casos, pelo menos até agora, nem a figura do professor nem o material impresso haviam sido dispensados do processo ensino-aprendizagem, o que faz antever que o lugar de ambos está garantido.

Mas um ponto parece claro neste hoje que tenta captar o amanhã: a *permanência da palavra escrita*, sua força carismática, sua valorização. E o livro com ela indo à escola, seja a de *porta-e-janela*, seja a escola-função; divertindo; ampliando horizontes, não assimiláveis somente pela experiência direta; atualizando; dando ao leitor uma compreensão maior de si, do mundo e do outro. O livro que, guardando as conquistas de gerações e gerações, permite que o homem continue em sua marcha evolutiva, esta sim, não previsível.

*"Falar só salva, salvo
se outro
do outro lado
fale por tua boca"*

E o livro continuará a falar pela boca e idéias dos seus leitores em número cada vez mais crescente. E nós pela de Camões que, por volta do terceiro quartel do século XVI, escreveu:

*"E para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja" (8)*

(8) CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. 12a. ed. S. Paulo, Melhoramentos.

O LIVRO – UMA TECNOLOGIA EDUCACIONAL

Maria Helena B. Rezende da Silva*

Estamos na era da ciência, da tecnologia e da comunicação de massa.

As informações nos chegam através de vários meios de comunicação: escritos ou falados. Esses meios são distribuídos e utilizados de acordo com algumas variáveis e objetivos a que se propõem. Entre as variáveis mencionadas acima podemos destacar: clientela a que se destinam, incluindo nível sócio-econômico e cultural, faixa etária, características regionais e locais; rapidez de informação necessária, extensão desejada da informação.

A comunicação se faz tendo em vista objetivos pré-determinados em cada área do saber.

Se é verdade que um povo se afirma através da educação e que é pela educação que atingiremos as potencialidades do indivíduo e proporcionaremos sua auto-realização, alguns questionamentos se nos apresentam para reflexão:

— como tem a educação contribuído para atingir tais finalidades?

— como tem a educação utilizado a tecnologia a seu serviço?

* Mestre em Educação — PUC do Rio de Janeiro; professora de Didática Geral e de Metodologia do Ensino de 1º grau — Matemática — Universidade Santa Ursula-RJ; professora de Curso Normal do Estado do Rio de Janeiro; ex-diretora da Fundação Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos da Educação e Cultura do RJ.

— tem a educação avaliado o uso de tecnologias específicas de sua área?

— que providências têm sido tomadas após a avaliação do uso de tecnologias educacionais?

Após uma reflexão sobre as questões propostas apresentamos algumas colocações que nos parecem importantes para a melhoria da qualidade do trabalho que se realiza em educação:

- um grande esforço tem sido feito, a nível de Brasil todo, com seus Estados com características bem diversas, suas dificuldades, suas limitações, para se elevar o trabalho da educação através do binômio ensino-aprendizagem. Muitos recursos humanos e materiais têm sido a isso destinados.

E o que já se pode obter como retorno desse investimento?

Talvez um mínimo do que se esperava, guardadas as proporções da quantidade e qualidade desejáveis a nível de Brasil.

Será que todos os que militam na área da educação já tentaram identificar as causas dessa defasagem, relacionadas com a sua própria atuação no magistério?

Assistimos perplexos, anualmente, à formação em massa de profissionais para diferentes áreas e, especialmente, para o magistério. Esses

profissionais vão multiplicar o que aprenderam em sua escalada de estudantes, levando a outros milhares de indivíduos oportunidades de aprendizagem.

Mas como foram formados aqueles profissionais?

O que poderão oferecer em termos didático-pedagógicos aos seus alunos?

Possivelmente muitos darão uma orientação de aprendizagem desejável e outros, conhecedores apenas do conteúdo de sua área específica, certamente não terão oportunidade de aproveitar devidamente os momentos de convívio com os alunos, por falta de conhecimento didático-pedagógico suficiente para isso.

- Como tem a educação utilizado a tecnologia a seu serviço?

O panorama atual em relação à utilização de tecnologia a serviço da educação é meio paradoxal:

— por um lado tem-se procurado incrementar o uso da tecnologia em educação divulgando recursos didáticos bastante sofisticados e aconselhando sua larga utilização.

Por outro lado, com a multiplicação dos cursos de pós-graduação, que incluem abordagem de tecnologias educa-

cionais, um sério risco vem sendo acarretado ao processo ensino-aprendizagem: pós-graduados, docentes em cursos de graduação, 2º grau e até 1º grau (5a. à 8a. série), empolgados com as tecnologias educacionais estudadas em seus cursos de Mestrado ou Doutorado, levam a seus alunos tudo quanto neles aprenderam sem, muitas vezes, se aperceberem da inadequação às circunstâncias reais de cada clientela.

E os recursos sofisticados são apresentados com muita ênfase: circuito-fechado de TV, o computador, a TV Educativa, os Laboratórios de Línguas, as Máquinas de Ensinar, os Módulos de Ensino, as Técnicas de Grupo etc.

Em meio a recursos tão sofisticados, tão divulgados modernamente, onde situar o Livro, a tecnologia educacional que tem atravessado a História, divulgando conhecimentos e sempre lembrada pelos professores, mas, nem sempre, bem utilizada por eles.

Temos presenciado a inclusão sistemática do livro didático nas listas de material escolar indicado pelos professores no início dos períodos letivos. Mas, *quem* utiliza, *como* e *quando* é utilizado o livro didático?

Lamentavelmente, não raras vezes, a resposta é uma tríplice negativa do uso: *ninguém, abandonando* ou fazendo com que os estudantes o carreguem em sua bagagem escolar diariamente e *nunca* utilizando em classe e, quando muito, indicando leituras ou exercícios, que, muitas vezes não trazem a menor atração para o aluno e nem constituem uma busca de aprendizagem motivada.

A realidade atual da utilização do livro como tecnolo-

gia educacional é: descontentamento por parte dos alunos dos diferentes níveis pelo desinteresse em utilizá-lo e, por parte dos pais ou responsáveis, pelo investimento desnecessário, pois se não é o livro um recurso de uso habitual pelo aluno e, às vezes, até de desuso, "para que investir sem retorno?"

Analisando rapidamente essa situação em cada nível de ensino, temos:

- 1º grau — 1a. à 4a. série — há livros bastante interessantes dentro dos padrões desejáveis de impressão e de conteúdo atualizado e conceitos certos.

Há outros dentro dos padrões desejáveis de impressão, mas com o conteúdo deficiente ou desatualizado.

- 1º grau — 5a. à 8a. série — a situação inicial é semelhante a de 1a. a 4a. série, acrescentando-se a isso o fato de muitos escritores, não informados técnico-pedagogicamente sobre outras tecnologias educacionais, apresentarem obras que se intitulam: "Ensino Programado de", ou "Instrução Programada de", "Estudo Dirigido de", "Módulos de Ensino de" e, na verdade, não empregam tais tecnologias, pois os pré-requisitos da técnica ou método, bem como o seu desenvolvimento no livro, não foram observados e cumpridos.

Aliamos ao que foi exposto o baixo poder aquisitivo do estudante e a quantidade de livros pedidos pelos professores.

- 2º grau — o panorama é semelhante ao anterior (5a. a 8a. série). Alia-se a isso a dificuldade de se encontrar em um só livro de uma disciplina todo o conteúdo a ser estudado no curso. Criam-se, então, as apostilas, concentrando conteúdos.

- 3º grau — a situação é um pouco diferente: livros variados de uma mesma disciplina, em geral, com preços altos, difíceis de serem adquiridos e quando utilizados, o são para fichamentos, que se constituem em verdadeiras cópias de textos, sem esforço de compreensão por parte do aluno.

Será que podemos, à vista de tais colocações, considerar, nessas circunstâncias, o livro como uma tecnologia educacional? Vamos concluir até o final deste artigo.

- Tem a educação avaliado o uso de tecnologias específicas de sua área? Que providências têm sido tomadas após a Avaliação?

O problema da Avaliação em Educação tem sido uma preocupação universal constante. Daí a ênfase dada à seleção e redação de objetivos operacionais que, quando bem feitas, facilitam a Avaliação.

E os educadores como têm agido? Elaboram seus planejamentos incluindo: a caracterização da população-alvo, os conteúdos, os objetivos as estratégias e a avaliação (em termos de objetivos e de processo de aprendizagem). Muitos executam o Planejamento e não se preocupam com a Avaliação e a correção das falhas apontadas por ela.

De posse do *feedback* oferecido pela Avaliação Formativa (durante o processo de ensino-aprendizagem), que têm feito os educadores para melhorar o uso das estratégias (tecnologias educacionais)?

Talvez um mínimo de providências tenha sido tomado por um pequeno percentual de professores que acreditam que os objetivos educacionais para serem atingidos devem ter meios facilitadores (tecnologias educacionais) adequados à clientela e às circuns-

tâncias da realidade do aluno e do professor.

Se os educadores diariamente se perguntassem:

— “Eu gostaria de receber a aula que dei a meus alunos hoje?

— Eu gostaria de aprender aquele assunto através do uso daquela tecnologia educacional? Ou preferiria outra?”,

talvez pudéssemos devolver ao Livro sua função de tecnologia educacional e recuperar sua imagem perdida de tecnologia.

Constatada a situação do Livro como tecnologia educacional, que providências deverão ser tomadas para que ele possa ser realmente considerado como tecnologia educacional?

O ensino vai caminhando para a valorização da competência, para atendimento às diferenças individuais. Os educadores têm teoricamente conhecimento de que: o Interesse, a Motivação, a Frustração, a Ansiedade e o Auto-Conceito são fatores importantes para a Aprendizagem. Se conseguirmos colocar em prática a teoria acima conhecida pelos educadores, estaremos a caminho da melhoria do ensino e, conseqüentemente, da aprendizagem e da educação.

Como proceder para devolver ao Livro sua posição de tecnologia educacional?

- se tecnologia educacional é um recurso didático que podemos acionar exclusivamente ou articular com outros meios para facilitar a aquisição de objetivos educacionais;
- se o Interesse, a Motivação, a Frustração, a Ansiedade e o Auto-Conceito são fatores importantes para a aprendizagem;
- se a Escola deve proporcionar oportunidades agradáveis de experiências em aprendizagem para garantir a continuidade do processo ensino-aprendizagem.

O Livro, para ser considerado como tecnologia educacional, deve:

- ser usado com objetivos pré-determinados;
- atender às possibilidades e limitações da clientela para a qual foi indicado;
- ser de fácil acesso, aquisição e compreensão por parte da sua clientela;
- estar dentro dos padrões mínimos desejáveis de impressão;
- constituir uma alternativa de aprendizagem e não uma imposição didática permanente;
- sempre que possível estar inserido em uma estratégia de aprendizagem, como é o caso do Estudo Dirigido e dos Módulos de Ensino (atividade alternativa de aprendizagem);
- ser utilizado ora para estudo de assunto novo, ora para fixação, ora para enriquecimento do tema;
- ser sempre consultado pelo aluno como conseqüência de uma busca de informação, de novos conhecimentos, incentivado pelo professor ou, por ele mesmo, por seu nível de excelência em forma de apresentação e conteúdo;
- ter seu uso incentivado em Treinamentos de Empresa, descentralizado em caso de necessidade de atendimento de clientela localizada em pontos geográficos diferentes, sempre acompanhado de orientação de uso;
- continuar a ser uma tecnologia que trabalha para Educação e Cultura de um povo, atendendo a todos e a cada um, através de Centros de Multimeios, Bibliotecas públicas e particulares, um veículo de informações científicas, técnicas e de lazer.

O LIVRO DIDÁTICO

Alaíde Lisboa de Oliveira*

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Se observarmos, ainda que de maneira rápida, os livros didáticos do Brasil de hoje e se os compararmos com os de ontem (1920) talvez fiquemos preocupados. Se o progresso, em alguns aspectos, foi real e profundo, em outros, foi aparente e superficial. Muitas vezes simples mudanças passam a ser consideradas progresso. É preciso cautela no fazer e no julgar.

Se houve um tempo em que a vida imitava a escola e imitava no que a escola tinha de melhor: reflexão, seriedade, trabalho, espiritualidade, ideal — parece que agora a escola quer imitar a vida, no que ela tem de pior: marginalização da reflexão, afoitamento, lazer indiscriminado, materialização de objetivos e finalidades. Está claro que a vida tem coisas boas a serem aproveitadas e a escola tem criado vícios a serem corrigidos; está faltando um pouco mais de discernimento nas opções. Podemos supor que, há uma ou duas gerações, quando alguém fazia um livro didático — também chamado de livro texto, livro escolar, compêndio — fazia-o no sentido de satisfazer suas convicções, objetivando a realização de um trabalho sério, que levasse o aluno a um nível sempre mais alto.

Talvez o espírito comercial venha tendo importância maior do que o espírito educativo, na confecção do livro didático — o objetivo do autor funde-se com o do editor; o importante será, então, que o livro seja vendido.

Os processos de confecção e de escolha continuam variados: desde o preço até a insinuação jeitosa de vendedores.

* Vice-diretora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Não é simples o critério de escolha do melhor livro: o melhor para o país, para aquela região, para aquele grupo de alunos. Um livro recusado hoje é aceito amanhã e vice-versa, por quê?

Realmente, devemos reconhecer que o INL tem feito um esforço grande e louvável para controlar a vertigem das publicações, ou melhor, das aceitações de livros.

Apesar das observações de professores e de intelectuais, o comando das atividades, no caso as relacionadas com o livro didático, ainda continua sofrendo forte influência do fator econômico.

O mais surpreendente é que há livros didáticos excelentes, cujo uso é restrito e livros discutíveis, com muita aceitação.

É difícil falar em características e valores de livro escolar sem referência ao curso a que se destina. Os de 1º Grau continuam a ter critérios diferenciados para as primeiras séries e para as últimas, correspondentes aos chamados curso primário e curso ginásial. As diferenças são mais marcantes nos livros de 2º Grau (curso colegial). E mais acentuadas ainda nos de Curso Superior. Nesse nível eles perdem características de livro didático, para se tornarem mais científicos, menos abrangentes e mais especializados; livros metodologicamente mais *indicados* do que *adotados*; por isso mesmo serão mais numerosos para cada disciplina.

As idéias pedagógicas renovadoras nem sempre eram bem compreendidas, ficavam ao sabor de interpretações de professores, muitas vezes sem formação especial no setor, sem conhecimento real de métodos, técnicas, procedimentos de ensino-aprendizagem. É bom lembrar que a renovação pedagógica do século começou visando a alunos com dificuldade de aprendizagem, os hoje

chamados excepcionais; continuou preocupando-se com a aprendizagem de 1a. série do 1º Grau — alfabetização, leitura, escrita; estendeu-se posteriormente a todo o curso primário (quatro primeiras séries). Pretendeu-se posteriormente transferir, sem muito critério, a nova metodologia para níveis mais altos de escolaridade.

Preconizava-se a aprendizagem pelo concreto: o *aprender fazendo*; o *ver*, o *apalpar*, o *manipular*, associando-se ao *ouvir* e ao *ler*; o *ativo* devia substituir o passivo; a *descoberta* ou *redescoberta* substituir a informação apenas receptiva. Tudo isso muito ponderável para a infância. E foi bom que essas idéias se refletissem nos livros escolares infantis, com mais gravuras, mais exemplos, mais questões, mais provocações, mais clareza, mais concretizações, e que se fizessem séries baseadas nessas diretivas, como, por exemplo, a séria série: "No mundo da Linguagem", de Magdala L. Bacha.

À medida que o aluno cresce, é preciso, entretanto, contar com sua capacidade de abstração, de generalização, de análise, de síntese e de domínio de idéias expressas em *palavras*: e os livros devem então ter caráter diferente e função diferente.

O livro escolar tem de ser feito a partir de onde se situa o nível do aluno, mas objetivando levantar esse nível; ele tem de ser um desafio às habilidades mentais do educando. Sabemos que há alunos que festejam sua promoção queimando em fogueira seus livros didáticos do ano. É claro que a causa não estará apenas no livro, haverá razões psicológicas que influem, impulsionando a condenação do livro, tais como: os métodos, os processos e até as atitudes de professores que, se conseguiram promover o aluno, não conseguiram fazê-lo amar o livro texto.

Querer, desejar, amar o livro texto seria uma meta. Num mundo de tanta coisa *fácil* de ser querida não

é fácil incluir o livro didático. Por isso mesmo, antecipando-se ao método do professor, o livro texto deve ser desafio ao autor.

Creio que posso afirmar que minha geração amava seus livros didáticos, e muitos alunos transpuseram o amor do livro didático para o *livro* ou melhor para os *livros* no sentido amplo. Por que acontece tão pouco isso hoje? O livro texto não é motivador de leituras extensivas? Ou as motivações mais instintivas, mais materiais do que intelectivas e estéticas, estão provocando a juventude? A agitação e não a ação, vem desviando o jovem do caminho do saber e da sabedoria? Precisamos descobrir a parte de culpa que cabe ao livro didático.

A preocupação dos primeiros livros de ensino da humanidade era a de *educar* através da leitura, e perdeu o seu prestígio para a preocupação de *informar*.

Houve concepções na evolução pedagógica, que levaram a duvidar de que se educava através da palavra. A educação se faria por atividade, ação, participação, vivência. Só agora começa-se a repensar que a palavra leva à ação, à participação, à vivência. É preciso voltar a crer na influência da palavra, lida ou ouvida, na educação da criança, do jovem e mesmo do adulto. A força formadora da palavra ouvida e lida é muito mais profunda do que se possa pensar.

Não nego o aprender fazendo de Dewey, mas acredito na palavra como introdução, preparação, continuação, complementação do fazer, do ver, do tocar.

Ouvi certa vez um diálogo notável entre dois jovens: um que vinha da Europa, com experiência *vital*. Outro que conhecia a Europa através da leitura e que mesmo assim tinha da Europa uma experiência *vivencial*.

Em cada expressão, não se sabia qual dos dois se aprofundava mais no sentir todas as expressões e mani-

festações culturais, de lugares, monumentos, museus, teatros. Foi quando compreendi melhor a força da leitura. Um leu menos e viu mais, contactou mais, outro só leu, não leu apenas livros informativos, mas livros de cultura, beleza, estesia — e vivenciou.

ESPECIFICAÇÕES

Dentro do ensino de Português — Língua e Literatura — verificou-se uma mudança nas antologias. A antologia de ontem — na escola secundária — como, por exemplo, a de Fausto Barreto e Carlos de Laet, primava pelo bom gosto da seleção; pela preocupação em trazer conteúdo elevado em forma primorosa; a escolha de autores de alta categoria se associava à escolha do texto, o que de bom e mesmo de melhor, de mais significativo na obra de cada autor; havia a preocupação com texto de sentido completo quanto possível, não importava que fosse menos ou mais longo, se em verso, poemas completos, curtos ou longos. A beleza dos textos era tão provocadora que o aluno podia ler e reler muitas vezes o mesmo texto sem se enfadar. Decorar texto — em prosa ou verso, se constituía em prazer. Emoção, musicalidade, arte se fundiam e despertavam o desejo de conhecer as obras dos autores dos textos.

O sentimento estético se associava ao sentimento moral e religioso. Criava-se, assim, um clima de espiritualidade através da beleza literária.

Que dizer dos livros de leitura, de hoje, chamados de Comunicação e Expressão? Nota-se em muitos deles preocupação de *descer* até um aluno considerado menos apto, ou menos capaz, sem se acreditar nas possibilidades de *subir* do estudante; livros que não dão margem a uma escalada; livros que apelam mais para as tendências naturais ou instintivas do que propriamente para a inteligência, para a reflexão. Parece que não se quer exigir esforço, esquecendo-se de que interesse e esforço devem andar juntos. Os livros

são coloridos nas margens, nos traços, nas ilustrações; o colorido, porém, é mais de efeito excitante do que de apreciação equilibrada. As gravuras realmente não demonstram intenção de despertar a sensibilidade para o belo, talvez sejam mais excêntricas do que artísticas.

Muitos livros didáticos incentivam o professor a enquadrar-se; apresentam perguntas que prevêm respostas formais em vez de permitirem e sugerirem opções — as mesmas perguntas e as mesmas respostas para todos os alunos. O livro é oferecido como um enlatado e pode converter-se em um convite ao professor para bitolar-se. (Convém insistir que não se pretende aplicar a todos os livros essas críticas e nem aplicar todas essas críticas a um só livro).

Como nosso professor secundário, por circunstâncias variadas — desde a massificação do ensino aos vencimentos precários — tem de atender a inúmeras solicitações, e multiplicar suas horas de aula, a muitos deles parece mais fácil seguir o livro mecanicamente, do que pôr em função seu espírito criativo em análises variadas do texto; em perguntas que sugiram e provoquem a criatividade do aluno; em comparação de textos, onde se verifiquem semelhanças, diferenças, oposições, confirmações de expressão, em conteúdo e forma; em descoberta de características do autor nas variações e nas permanências de traços estilísticos, e mais e mais.

Com livros de proposições bitoladas não é fácil abrir o caminho das descobertas para os alunos.

Vamos reconhecer valores nos livros de leitura de antanho, vamos descobrir valores nos de hoje, nos seus objetivos e na sua elaboração, e vamos desejar um livro didático de leitura que responda aos anseios do leitor, dentro de cada idade, e que contribua para o amadurecimento do aluno; que lhe seja fermento de idéias, de valores que lhe abram o caminho na busca de Deus através do bom e do belo.

A VALORIZAÇÃO DO LIVRO DIDÁTICO *

Embora tão antiga quanto a humanidade, a educação sofreu nos últimos decênios grandes modificações, principalmente depois da descoberta dos meios de comunicação. Hoje a interpenetração entre educação e comunicação é um fato corriqueiro e não se pode mais falar em educação moderna sem nos referirmos ao rádio, ao cinema ou a televisão. Dentro desta nova perspectiva que lugar passou a ocupar o livro, a linguagem escrita, na pedagogia atual? Como está sendo usado esse primeiro instrumento real de democratização do saber?

LINGUAGEM ORAL E ESCRITA

Sem fazer um histórico das vantagens comparativas entre a linguagem oral e a escrita, é sabido que, apesar de sua flexibilidade, comodidade e universalidade, a linguagem oral apresenta *handicaps* a nível de audiência temporal e espacial, enquanto a escrita, fixando artificialmente uma expressão através de traços codificados, ou seja, dando um suporte inerte à memória, permite uma comunicação "mediatizada", assegurando sua permanência.

Se o fato de poder transcrever a palavra (ou qualquer outra expressão) sobre um suporte material é, sem dúvida, uma forma de dar permanência a mensagem, isso ainda não assegura sua difusão. Toda a literatura antiga e da idade média foi transmitida pelos copistas, escribas e escritores cuja função era a de fixar, através da escrita, uma mensagem. O conteúdo da mesma, porém, representava uma parte ínfima da realidade social. Era destinada à minoria que tinha conhecimentos sobre a escrita.

A invenção da imprensa provocou as mutações que todos nós conhecemos e fez da linguagem escrita e impressa o primeiro meio de comunicação de massa. Desde a descoberta de Gutenberg, em 1438, a imprensa vem se aperfeiçoando aceleradamente. A linotipia, a impressão mecânica, a rotativa, a foto-composição figuram entre as descobertas importantes que permitiram à cultura livresca atingir graus de perfeição insuspeitados. Atualmente, calcula-se que sejam publicados mais de 550 mil títulos de livros por ano no mundo, o que significa perto de 150 títulos para cada grupo de 1 milhão de habitantes.

Que função desempenha o livro? Como todos os outros meios de comunicação de massa, o livro visa informar, educar e distrair.

Roger Malicot, em seu dicionário dos meios de comunicação de massa, define assim estas três funções: "A função informativa nasceu do crescimento da economia do saber em simbiose com a tradicional economia de consumo e, da mesma forma que as máquinas recebem, tratam e transmitem a energia a fim de assegurar a expansão de bens, assim também os sistemas de comunicação que recolhem, tratam e difundem a informação serão a base da expansão do saber nas sociedades desenvolvidas . . ."

* Texto extraído do periódico *Direct*, da Agence de Coopération Culturelle et Technique, de fevereiro de 1975.

"A revolução pedagógica é, entretanto, a que mais interessa às empresas editoras. Tradicionalmente, o editor fornece aos professores um "serviço educacional" cujo suporte pedagógico é o livro escolar, que constitui uma síntese metódica e informativa que serve de guia tanto ao aluno quanto ao professor. O livro didático tem função tripla:

- *informativa*: fornece ao aluno documentos — textos, imagens, fotos, gráficos, etc. — sobre uma questão determinada;
- *sintetizadora*: tanto para o aluno como para o mestre é o compêndio preciso do que ele necessita saber sobre um determinado conhecimento;
- *operacional*: com exercícios ativos permite testar os conhecimentos adquiridos, desenvolver o senso crítico ou a capacidade de julgamento do aluno no próprio livro ou no seu prolongamento natural que é o caderno de exercícios".

Finalmente, o livro serve para distrair: "As distrações são cada vez menos marginais e ocupam um lugar cada vez maior nas sociedades industriais . . . Tempo, lugar e atividades são as três dimensões do mundo das diversões. As diversas combinações destas três dimensões determinam os sistemas próprios de cada país".

UM MERCADO PRÓSPERO

Deste modo e ao contrário do que pensam muitos, o livro didático tem lugar de destaque na produção mundial e a tendência é de crescer ainda mais. Na maioria dos países desenvolvidos, os livros escolares representam mais da metade dos livros editados: 80% nos Estados Unidos e 55% no Reino Unido.

O livro didático, assim como o de informação e o de distração, beneficiou-se bastante com o progresso havido nos sistemas de impressão. A primeira grande mudança havida no universo fechado dos manuais escolares veio através da civilização da imagem: inicialmente a imprensa e, mais tarde, a imagem animada. Até 1920, os manuais tinham um aspecto pouco atraente, eram excessivamente compactos. A partir daí, descobrem-se os espaços em branco, as ilustrações, as cores.

Tal progresso se dá ao mesmo tempo em que a difusão aumenta. Até então considerado como instrumento pedagógico de várias gerações, o livro didático, a partir de 1920, passa a ter uma vida mais curta. Suas vendas aumentam e seu preço diminui (é surpreendente, mas hoje em dia basta uma tiragem de 5.000 exemplares para amortizar os gastos de execução da maioria de livros escolares médios).

Outra inovação importante na época foi a utilização de colaboradores não pedagogos. Escritores, artistas e até sábios passaram a colaborar na feitura dos livros didáticos. Hoje em dia, a edição pedagógica é um negócio importante. Muitos editores a ela se consagram

exclusivamente. Sob a pressão dos profissionais e das mudanças pedagógicas ocorridas recentemente, a função do livro escolar mudou de uma certa forma: passou a ser um livro de informação e de referência. Além do mais, perdeu sua posição privilegiada — a de único suporte pedagógico — com o uso cada vez mais acentuado de elementos visuais e orais ou de outras fórmulas, como a pedagogia de grupo, que restringiram o uso sistemático desse recurso impresso.

Todos esses elementos contribuíram para impor uma nova fórmula aos manuais pedagógicos que, inclusive, hoje são comumente chamados de “livros de referência do aluno” podendo ser até confundidos com publicações de distração, face à qualidade da paginação, ao número das ilustrações e aos elementos atrativos que contêm. Como e por que esta evolução se deu?

PERFORMANCES DA LEITURA

Teorias sobre a leitura distinguem dois modos essenciais de percorrer um texto impresso: a leitura projetiva e a leitura objetiva. Robert Escarpit define assim estas duas operações:

“O objetivo do método de pesquisa projetiva é o de obrigar o sujeito a reagir à uma matéria não estruturada ou pouco estruturada. A natureza confusa e ambígua dos estímulos recebidos lhe oferece um vasto campo de respostas possíveis. A leitura projetiva é uma operação que abrange o conjunto da personalidade do leitor, que não se limita à simples recepção da mensagem mas, ao contrário, busca prolongar esta experiência. Assim, foi constatado que os leitores entre os quais domina este tipo de leitura, escolhem seus livros a partir do nome do autor, o que denota uma tendência mística, mas real, no sentido de estabelecer um liame pessoal permanente com o texto . . .

Mas, há outras formas de interrogar o texto porque há coisas que só o texto pode fazer e especialmente lembrar. É o que chamamos de função documentária. O texto aparece, então, não mais como uma fonte de estímulo, mas como uma memória. A esta função corresponde um tipo de leitura que denominaremos de leitura objetiva. O texto, então, passa a ser um objeto no qual está codificada uma certa quantidade de informações que se procura decodificar segundo um determinado programa . . . A noção essencial aqui é a do programa, o encadeamento de operações lógicas que constituem a continuidade do pensamento do leitor. A maior parte destas operações são mentais, mas algumas implicam em buscas exteriores e, notadamente, no recurso a esta memória que constitui o documento escrito. A interrogação deste documento é então uma instrução ou uma série de instruções que se inscrevem num programa . . .

GRAFISMO E LEGIBILIDADE

Torna-se assim evidente que a apresentação do livro é ligada à sua função. No caso de uma leitura objetiva,

o essencial é a comunicação entre um autor “que sabe” e leitores “que não sabem”. Desta forma a mensagem deve ser compatível com esta vontade de transmitir um conhecimento. No caso de uma leitura projetiva, o texto impresso aparece como um conjunto de signos que devem gerar uma reflexão no leitor.

Os livros escolares em geral, suscitam uma leitura objetiva, já que a relação estabelecida entre o autor e os leitores é a de conhecimento. A análise do processo de leitura, então, repousa sobre dois elementos. 1) as características de visão do leitor; 2) as características da tipografia da obra.

A maior parte dos estudos sobre a visão revelam que as normas de leitura são quase uniformes. É claro que a idade do leitor tem que ser levada em conta, pois enquanto um leitor adulto decifra um texto através da fotografia global da palavra (porque já aprendeu a ler, antes, letra por letra), uma criança não o faz e por isso os textos destinados a crianças pequenas exigem letras de maior dimensão.

Tal elemento se combina também com o campo de visão. Os especialistas em legibilidade realizaram uma série de estudos para determinar o comprimento ideal da linha impressa, o número de colunas numa página e o formato da própria página. Não existem regras rígidas neste sentido, mas é possível dizer que linhas muito curtas (menos de 3 cm) e muito longas (mais de 15) devem ser evitadas. A maioria dos livros impressos usa o comprimento de 11 cm.

Quanto à forma, de novo para os mais jovens é preciso seguir algumas regras porque seu campo de visão e sua rapidez de percepção são mais reduzidas. Assim sua habilidade em ler em colunas é menos pronunciada do que entre os adultos. No que tange à forma da letra impressa, o conceito de que “quanto mais simples a forma mais fácil é a leitura” é falsa porque, no processo da leitura, assimilamos a palavra em sua totalidade e não as letras separadamente. Esta descoberta da psicologia da Forma foi corroborada pela oftalmologia que revelou, em pesquisas, que quanto mais as letras forem diferenciadas umas das outras mais fácil será a leitura.

Esta descoberta da “Gestalt théorie” foi fundamental. Contribuiu para reformular muitos conceitos tidos como certos. Hoje sabe-se, por exemplo, que a letra maiúscula não é mais legível que a minúscula.

Hoje em dia, tende-se a relacionar a família dos tipos com o conteúdo das obras. Assim, um tipo moderno, despojado, rigoroso é normalmente usado para obras científicas, enquanto para um trabalho literário utiliza-se caracteres mais rebuscados, mais trabalhados.

Mas, a forma do tipo não é o único elemento tipográfico que entra em jogo. É preciso levar em conta também a apresentação estrutural. É devido a ela que muitas vezes o leitor se sente ou não atraído por um texto. Um texto, por exemplo, uniformemente dis-

posto em todo o sentido da página, sem pausa, sem brancos, geralmente suscita pouco interesse. Este problema pode ser relativamente negligenciado numa obra literária, por exemplo, mas nunca numa obra documentária, onde a própria matéria é estruturada e por isso exige a intercalação de momentos de repouso.

Existem diversos artifícios de montagem destinados a facilitar a leitura e torná-la mais atraente. O primeiro deles é o parágrafo que, sendo um elemento da responsabilidade do autor, pode ser mais ou menos valorizado. Em termos pedagógicos pode-se aplicar perfeitamente uma regra muito usada nos meios jornalísticos, ou seja, a de "uma idéia por parágrafo".

O segundo elemento é o sub-título que tem o poder de colocar em evidência a estrutura da progressão do raciocínio ou o conteúdo documentário mais importante. Em geral, procura-se tirar partido dos sub-títulos compondo-os em caracteres maiores do que o corpo do texto, ou em negrito ou, ainda, de uma forma original em relação à composição global da página.

Finalmente, há ainda o uso de diversos tipos numa mesma frase-tema muito debatido, já que os livros didáticos antigos usavam muito este artifício uma vez que dispunham de poucos elementos técnicos para prender a atenção do aluno. Hoje, a maior parte dos especialistas considera-o um artifício superado e "anti-pedagógico" já que dificulta a assimilação. Por outro lado, os processos modernos de impressão permitiram substituí-lo por um artifício muito mais atraente: a cor.

RECURSOS TIPOGRÁFICOS

As recentes descobertas feitas no campo tipográfico em muito contribuíram para a melhor apresentação do livro didático. Basta examinar dois exemplares de uma mesma publicação impressa com dez anos de diferença para sentir isso.

Graças as pesquisas realizadas neste setor, hoje em dia sabe-se que os tipos entre 8 e 12 pontos de altura possibilitam uma legibilidade quase equivalente, e que, com tipos menores, a rapidez da leitura cai de 5 a 10%. Por outro lado, o uso de tipos muito grandes, gera uma maior lentidão na leitura e um maior cansaço.

O segundo elemento a considerar é a forma do tipo. Simplificando, pode-se classificar os tipos em quatro grandes famílias:

- tipos retos chamados romanos;
- tipos inclinados ou itálicos;
- tipos negros ou gordos;
- tipos "enfeitados" como os góticos, etc.

Estudos rigorosos permitem hoje estabelecer uma hierarquia de tipos. Assim os "enfeitados" não são rapidamente legíveis e, por isso, seu uso deve ser mui-

to limitado (título, sub-título ou no máximo parágrafos curtos). Os tipos gordos produzem uma impressão desagradável ao olho do leitor que, inicialmente, distingue apenas uma massa uniforme e precisa fazer um esforço maior para ler. Também deve ter seu uso racionado.

Durante muitos anos o tipo itálico foi o preferido dos editores, mas pesquisas recentes demonstraram que é um tipo lido menos rapidamente do que o romano (- 5 palavras por minuto) e, sobretudo, dá ao leitor a impressão de uma leitura difícil. Finalmente, os textos compostos em maiúsculas são unanimemente condenados. Sua leitura é 15 a 20% mais lenta do que a dos textos em minúsculas romanas.

O último elemento tipográfico determinante é a paginação, comparada hoje em dia freqüentemente com a arquitetura. Em 1925, Tschichold publicou um manifesto tipográfico no qual entre outras coisas, definia com bastante exatidão o que deve ser uma paginação clara e arejada.

"A lógica da paginação não deve levar em conta os julgamentos estéticos como até agora. Na composição os espaços em branco são tão importantes como os impressos ... É preciso introduzir uma relação ao mesmo tempo lógica e visual entre as letras, as palavras e as linhas de determinado trabalho ... Na organização interna da página, é permitido dispor os textos tanto vertical como obliquamente ... Uma paginação elementar exclui qualquer tipo de ornamento, sendo que a utilização de filetes simples e formas elementares deve ser comandada pela composição do conjunto ... Em tipografia, como em outros campos, a organização elementar não será sempre absoluta ou definitiva, já que a própria noção de organização elementar varia de acordo com os próprios elementos e o uso de outros como, por exemplo, a fotografia ...".

Esses princípios são bastante elementares, mas tiveram o mérito de reafirmar, na época, o primado da simplicidade e da organização. Pode-se mesmo afirmar que hoje em dia há um grande retorno à racionalidade na disposição dos textos, havendo uma influência das ciências matemáticas no campo tipográfico.

Isso representa, na realidade, um retorno às fontes. Ao se examinar publicações da Renascença verifica-se como havia uma intensa busca pela leitura facilitada. A paginação moderna procura encontrar essa pureza. A busca de disposições geométricas, o abandono de artifícios gráficos, o respeito às linhas verticais e horizontais dominantes numa página, o reagrupamento de informações, a simplificação dos títulos, a hierarquização dos conteúdos, a generalização dos pontos lógicos de um texto são todas aquisições da paginação pedagógica. São a fonte de uma boa legibilidade e, portanto, de uma melhor compreensão do texto.

PAGINAÇÃO PEDAGÓGICA

Em todos os documentos destinados a uma leitura objetiva a paginação desempenha uma função importante porque concorre diretamente para uma melhor compreensão da mensagem por parte do leitor. É por isso que, nesse campo, o livro didático sofreu uma verdadeira revolução nos últimos vinte anos. Embora tal revolução provenha em parte de descobertas técnicas (como por exemplo a foto-composição), na verdade tem também suas raízes em elementos pedagógicos e gráficos.

Registra-se, em todo mundo, um movimento que questiona a autoridade exclusiva dos pedagogos no domínio educativo. O relatório "Aprender a ser" da UNESCO, reflete esse movimento ao recomendar a integração do pedagogo com profissionais de outras áreas e o envolvimento do próprio educando para que se auto-eduque e se compenetre da idéia de que toda aquisição intelectual implica no dever de dividi-la com outros.

Essa recomendação foi parcialmente aplicada no domínio dos textos escolares. Embora, na maior parte dos casos, o professor tenha ainda o domínio exclusivo sobre o material pedagógico, há uma tendência crescente no sentido da formação de equipes interdisciplinares em que o pedagogo conta com a contribuição de outros profissionais. Pode-se assinalar que, na Inglaterra, uma editora de material pedagógico especializado obteve grande sucesso a partir do momento em que seus textos didáticos passaram a ser reescritos por jornalistas.

Mas a colaboração mais freqüente com o mundo da comunicação se dá no campo da paginação e da apresentação gráfica da obra. Grande parte dos livros didáticos são, hoje em dia, realizados em estúdios de comunicação visual, cujos profissionais trabalham em íntima relação com o autor.

Finalmente, o livro didático sofreu também a influência do meio ambiente. O século XX é freqüentemente denominado o "século da imagem" e está claro que o progresso na comunicação visual influenciou a paginação dos livros escolares. Hoje em dia, mesmo os livros de gramática são ilustrados e atraentes e não o são gratuitamente porque a imagem é freqüentemente o tema do exercício ou da pesquisa.

Todas estas inovações explicam a importância da paginação, ou seja, da disposição global de uma página num livro escolar. Para esquematizar, pode-se dizer que a paginação é a arte de organizar de uma forma artística e racional três elementos: o texto, os espaços em branco e as ilustrações, desenhos, gráficos, fotos, exemplos ou exercícios.

Mas, afinal, quais são os elementos existentes à disposição de um editor para que ele possa fazer uma paginação pedagógica? É preciso não esquecer, nesse caso, que, se as possibilidades técnicas hoje em dia são qua-

se que ilimitadas, o mesmo não se pode dizer das financeiras. Por causa deste fator é que o formato do livro de estudos, por mais prático que seja, é, na maioria das vezes, determinado pelo tamanho das máquinas impressoras . . . sendo que um consumo mínimo de papel é sempre um dado econômico considerado em qualquer edição.

As principais características da paginação pedagógica são: clareza, simplicidade e valorização dos elementos importantes do conteúdo a veicular. Acrescente-se a isso uma estrutura interna feita com o objetivo de facilitar a leitura. Os brancos entre os parágrafos desempenham o papel de pausa, do descanso. Por isso são mais numerosos nos textos mais difíceis ou nos destinados a crianças menores. A grande inovação da paginação contemporânea é a tendência a se dar informações complementares nos espaços complementares. É por isso que nos livros que contêm lembretes ou notas complementares, tais textos são colocados próximos às passagens explicadas. Os livros de ciências ou de geografia que utilizam fotos e gráficos respeitam, na medida do possível, o princípio da paginação binária, ou seja, a página da esquerda é normalmente de texto e a da direita contém os elementos ilustrativos complementares.

Pode-se dizer ainda que a paginação em colunas permite muitas vezes adaptações pedagógicas interessantes. Hoje em dia, por exemplo, já não se concebe mais livros de ensino de uma língua estrangeira sem esta disposição paralela, ou seja, o texto estrangeiro e sua tradução lado a lado.

Atualmente se recorre com bastante freqüência ao arte-finalista, ao paginador e isso transformou de modo fundamental a apresentação do livro didático. É um deles quem afirma: "um livro escolar deve ser um objeto agradável de se olhar, fácil de ler. O objetivo do paginador deve ser o de facilitar ao máximo o trabalho do leitor, de tornar o livro uma obra esteticamente agradável, tendo o cuidado de não transformá-la em "escolar" no sentido que primitivamente se dava ao termo, isto é, difícil, exigindo esforço e fadiga . . ."

Atualmente, a paginação moderna, embora leve em conta o formato dos tipos, seu nível de legibilidade, sua estética, tem como característica principal a valorização do branco. Os livros didáticos, sobretudo os de nível universitário, exemplificam bem isso. Antes o objetivo fundamental era o de abarcar o máximo de conteúdo numa página. Hoje a tendência é inversa: as páginas não são cheias, possuem amplas margens em cima, embaixo e dos lados e, embora essa seja uma divisão arbitrária o que se procura é o equilíbrio geral e sobretudo as possibilidades de enxertar nesses brancos conteúdos interessantes (sub-títulos, notas, conselhos, etc . . .). Enfim os elementos gráficos tiram partido desta nova concepção e com isso os livros se tornam mais leves, visualmente falando. E é desta forma que os livros didáticos passaram a levar em conta a integração entre os conteúdos visuais e os pedagógicos.

OS LIMITES DA COR

Se os últimos decênios foram marcados pela explosão da imagem, também viveram a inflação da cor. Já não se concebe mais um filme que não seja a cores. A televisão a cor já se impôs nos EUA e na Europa, sendo que em muitos países em desenvolvimento, como Zanzibar, Camarões e Gabão, objetivam implantar diretamente o sistema de televisão a cores sem passar pelo preto e branco.

Evidentemente a impressão não escapou desta tendência. O "off-set", a quadricromia e agora a octocromia, além do intenso progresso havido na fabricação de tintas, permitiram que se pudesse imprimir praticamente todas as nuances de cores. A tentação de usar todas essas possibilidades fez com que muitos editores rompessem com o predomínio do preto e branco e passassem a usar fundos em cores, textos em cores e até a impressão em branco sobre fundo escuro.

Numerosos estudos, entretanto, começam a contestar tais inovações. Em Quebec, por exemplo, a sociedade de oftalmologistas publicou um relatório sobre a legibilidade de livros e revistas escolares, condenando veementemente o uso de fundos coloridos que obrigam a um esforço de adaptação por parte dos alunos. Paralelamente nos EUA, os psicólogos Inker e Paterson classificaram os contrastes mais favoráveis à leitura, chegando a conclusão que o melhor deles é realmente o preto sobre o branco.

Estas afirmações, entretanto, não devem levar a uma supressão total da cor. Como Jacques Bertin mesmo afirma, na sua "Semiologia gráfica" a cor é uma excelente variável seletiva e por isso pode ser usada numa paginação desde que de forma ordenada. É o seguinte sua teoria sobre o assunto:

"Ela (a cor) se combina facilmente com outras variáveis e é eminentemente memorizável. Entretanto, não se deve esquecer que a cor é apenas seletiva e que o tratamento da informação é um problema de ordenação. Não é, portanto, um elemento indispensável.

Entretanto, ela exerce uma inegável atração psicológica. Em relação ao negro é mais rica no sistema de excitação verbal e, em numerosos casos em que parece um luxo, trata-se realmente de um luxo "bem empregado", porque prende a atenção, multiplica o número de leitores, assegura uma melhor memorização e, sem dúvida, aumenta o alcance da mensagem. Torna-se, portanto, importante nas mensagens gráficas de natureza pedagógica.

Mas, além de seu custo elevado quando se trata de uma edição, a cor enfrenta dois outros inconvenientes: 1) as anomalias de percepção cromática (daltonismo), que são mais frequentes do que se imagina e tornam-se graves para os que utilizam o documento gráfico como instrumento de trabalho porque, inconscientemente, tendem a criar outros signos para restabelecer o significado da mensagem e 2) a difusão reduzida, pois em relação a reprodução monocromática, o preço de um livro em cores aumenta em 200 vezes e o tempo necessário para imprimí-lo passa de alguns minutos para no mínimo 15 dias . . ."

Mesmo assim, hoje muitos consideram a cor um instrumento indispensável a uma edição pedagógica. Nos países desenvolvidos o problema de custos é negligenciado. Nos países em desenvolvimento se restringe seu uso a duas ou três cores em geral, o que reduz sua rentabilidade pedagógica.

É preciso não esquecer que a cor tem um poder de representação simbólica quase que universal. Não se pode, por exemplo, imaginar a água, o mar, os rios em vermelho ou amarelo. Tem ainda um poder de contraste que não pode ser utilizado numa impressão uniforme. A cor tem a vantagem de chamar a atenção imediatamente sobre uma palavra, uma passagem, um elemento importante . . . que o preto e branco não consegue fazer. Enfim a cor tem o mérito de simplificar a representação gráfica. Um mapa, por exemplo, em preto e branco precisa utilizar pontinhos, hachuras, etc. já em cores é possível esquematizá-lo mais facilmente e assim oferecer a um público determinado um mapa que corresponda as suas faculdades de representação e identificação.